

**PSICOLOGIA HOSPITALAR E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: VIVÊNCIAS
DE UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO**Luana Maria Thome¹Chancarlyne Vivian²**Resumo**

A atuação do psicólogo no contexto hospitalar tem ganhado crescente relevância, à medida que se compreende a necessidade de cuidado integral à saúde, que envolva não apenas o corpo, mas também a subjetividade do paciente. A atuação na Psicologia Hospitalar foi regulamentada pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) e permite que o psicólogo atenda a diversos públicos, tendo em vista que o contexto hospitalar é caracterizado por um ambiente dinâmico, permeado por situações de sofrimento físico e emocional, urgências, limitações e enfrentamentos ligados ao adoecimento, internações prolongadas e, muitas vezes, à terminalidade da vida (CFP, 2019). Este trabalho apresenta um relato de experiência de estágio em Psicologia Hospitalar, realizado em um hospital de médio porte, orientado pelos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de Carl Rogers. A experiência, além de proporcionar um contato direto com a realidade hospitalar, revelou os desafios e as possibilidades de inserção do cuidado psicológico em um ambiente tradicionalmente técnico e com inúmeros desdobramentos.

Introdução

O processo de inserção no estágio teve início com o reconhecimento dos espaços hospitalares e a observação da rotina da equipe multiprofissional. A dinâmica encontrada revelou um ambiente ágil, por vezes insensibilizado, em que os pacientes eram frequentemente reduzidos a números de leitos ou diagnósticos, o que pode contribuir para a perda da identidade subjetiva e da autonomia. Neste cenário, a atuação do psicólogo surge como uma possibilidade de humanizar as práticas hospitalares, a partir de uma escuta qualificada, acolhedora e sensível às singularidades de cada paciente. A proposta de estágio baseou-se na aplicação dos princípios da ACP — empatia, congruência e aceitação incondicional positiva — como norteadores da prática psicológica em um contexto de alta complexidade. As atividades desenvolvidas abrangeram atendimentos psicológicos breves ao lado do leito, acolhimento a familiares, e escuta da equipe de enfermagem diante das demandas ocupacionais. Em situações específicas, foram realizados atendimentos de urgência.

Desenvolvimento

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), para Rogers (2016), fundamenta-se na crença de que todo ser humano possui uma tendência atualizante, ou seja, uma capacidade inata de crescimento, amadurecimento e autorrealização, desde que inserido em um ambiente que proporcione condições facilitadoras. No contexto hospitalar, essa abordagem oferece uma perspectiva profundamente humanista, valorizando o sujeito em sua integralidade e reconhecendo que, mesmo diante do adoecimento, a pessoa continua sendo um ser em processo, com sentimentos, desejos, medos e potencialidades.

O principal foco da atuação foi a promoção de um espaço de escuta humanizada, que permitisse ao sujeito a expressão de suas angústias, dores e sentimentos diante da hospitalização. Muitas queixas relatadas estavam relacionadas à perda de autonomia, ao medo da morte, à dor física e à perda da rotina pessoal. A escuta empática possibilitou que as pessoas se

sentissem — compreendidas em sua experiência, favorecendo a autorregulação emocional e a ressignificação da internação.

A aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa no contexto hospitalar mostrou-se particularmente eficaz ao possibilitar um cuidado centrado no ser humano, e não apenas em sua doença. A empatia permitiu acessar a perspectiva subjetiva da pessoa; a congruência favoreceu a criação de um vínculo genuíno entre psicólogo a pessoa atendida; e a aceitação incondicional positiva promoveu um ambiente seguro, no qual o sujeito pôde se expressar sem julgamentos (Palma, 2009).

Mesmo diante das limitações físicas e da falta de privacidade em muitos atendimentos, esses elementos contribuíram para o fortalecimento do vínculo terapêutico. A escuta ativa e presente transformou momentos breves em oportunidades de cuidado, mesmo quando o tempo ou o espaço físico eram limitados.

Outro ponto importante, foi a escuta psicológica da equipe multiprofissional. Médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, em meio ao cansaço e à sobrecarga de trabalho, buscaram espontaneamente a presença do psicólogo para dialogar sobre as suas frustrações e angústias. Ainda que de forma informal, tais momentos revelaram a importância da atuação do psicólogo hospitalar como um ponto de apoio não apenas para as pessoas atendidas, mas também para os profissionais da saúde, contribuindo para a prevenção do estresse ocupacional e para a construção de uma prática interdisciplinar mais humanizada.

Contudo, diversos desafios foram identificados ao longo da experiência. A ausência de um espaço sigiloso e fixo para os atendimentos, a dificuldade das pessoas em compreender o cuidado psicológico como parte do tratamento, para além das questões físicas, mostraram-se obstáculos à prática. Além disso, lidar com a própria insegurança diante do sofrimento alheio e reconhecer os próprios limites emocionais foi parte do processo de amadurecimento profissional, agindo com congruência (Santos, 2004). Ainda assim, essas dificuldades serviram como oportunidades de aprendizado, ressaltando a

importância da flexibilidade, da sensibilidade e da ética no exercício da Psicologia Hospitalar.

Condições Finais

O estágio proporcionou reflexões sobre o papel do psicólogo enquanto agente de humanização em espaços marcados pela objetividade técnica e pela urgência. A presença do profissional de psicologia se mostrou capaz de transformar a atmosfera hospitalar, mesmo que de maneira sutil, ao oferecer escuta, acolhimento e reconhecimento da dor emocional dos sujeitos. A ACP, nesse sentido, revelou-se uma abordagem potente, pois não busca curar a dor, mas estar presente nela, acompanhando o paciente com autenticidade e respeito, favorecendo seu processo de autorrealização mesmo em situações de sofrimento (Rogers, 2016).

A experiência relatada reafirma a importância da Psicologia Hospitalar como campo de atuação essencial na promoção da saúde integral, ampliando o olhar sobre o cuidado e reconhecendo a pessoa como sujeito de direitos, desejos e significados. Por fim, a vivência no estágio hospitalar representou não apenas uma oportunidade de formação técnica, mas sobretudo, uma experiência de transformação pessoal e profissional, consolidando o compromisso com uma Psicologia ética, humanizada e centrada na pessoa.

Referências

Conselho Federal de Psicologia, Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas(os) nos serviços hospitalares do SUS. 1ª ed. Brasília: CFP, 2019.

PALMA, Ana Lúcia S. C., Um Jeito de Ser Centrado na Pessoa. Uma visão pessoal sobre a formação de psicoterapeutas em Abordagem Centrada na Pessoa, VII Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa, outubro de 2009, Florianópolis, SC. Disponível em: <file:///C:/Users/lucas/Downloads/0.3%20-%20Um%20Jeito%20de%20Ser%20Centrado%20na%20Pessoa%20(publicado).pdf> Acesso em 18 mai. 2025.

RESUMO EXPANDIDO

ROGERS, Carl Ransom. Tornar-se Pessoa. 6.ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

E-mails: luthome28@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br